

CAPÍTULO 5.

DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE PERCEPÇÃO INCONSCIENTE

Por conta desta análise preliminar que apresentamos acerca do conceito de percepção inconsciente, chegamos a algumas conclusões médias que servem de base para o cumprimento dos fins a que nos propomos com esta Primeira Parte de nossa Dissertação. São os nossos objetivos: 1. discernir a que se refere o conceito de percepção inconsciente; 2. compreender qual é a natureza dessa referência; e, 3. apresentar uma definição para o conceito.

1. No Intróito desta Primeira Parte, mostramos que Leibniz, apesar de não se utilizar do termo ‘percepção inconsciente’, desenvolve, e tem como uma das noções de sua filosofia, o conceito de percepção inconsciente, pois considera que apercepção é o mesmo que consciência, e afirma existirem percepções sem apercepção. Isto é, afirma existirem percepções sem consciência, ou seja, inconscientes.

Ainda no Intróito, dissemos que Leibniz assere que os animais também têm apercepção. Analisamos este tema no Cap. 2, mostrando as diferenças específicas das apercepções animal e humana. Desta análise, concluímos que apercepção animal não é consciência, e que apenas as almas humanas têm consciência.

De acordo com isso, concluímos também que o conceito de percepção inconsciente se refere apenas às almas humanas, pois somente elas têm consciência, e, por isso, podem deixar de tê-la.

E como o objetivo desta Conclusão é o de apresentar uma análise específica acerca do conceito de percepção inconsciente, que exploramos nos capítulos anteriores, a partir de agora nos restringiremos apenas às almas humanas.

2. No Cap.1 desta Primeira Parte da Dissertação, desenvolvido com o objetivo estrito de apresentar algumas definições, concluímos que:

- i.. Percepção é a ação específica de uma das faculdades essenciais presentes em todas as almas, a faculdade de perceber, e, deste modo, também é uma ação essencial, que nunca deixa de se efetivar.
- ii. São objetos da percepção: os entes materiais, as idéias retidas na memória e as idéias inatas do entendimento puro. E eles estão sempre sendo percebidos.
- iii. Não existe afetação causal da alma sobre o corpo, nem do corpo sobre a alma. O que existe é uma correspondência exata entre ambos, de

maneira que: toda percepção na alma responde a um sentimento no corpo, e todo sentimento no corpo responde a uma percepção na alma.

Do Cap. 2 ao Cap.4 mostramos as razões que levam a ação da faculdade de perceber humana a ser distinguida em dois diferentes tipos: percepção consciente e percepção inconsciente.

No Cap.2 vimos que existe um tipo específico de sentimento no corpo, a *sensação*, que corresponde a um tipo específico de percepção na alma, a percepção consciente. Desta maneira, concluímos que a *sensação* possibilita aos espíritos a apercepção dos entes materiais e das idéias retidas na memória (quando lembradas). Em seguida, concluímos também que a *sensação* desempenha um papel fundamental na apercepção das idéias inatas, na medida em que disponibiliza casos particulares de objetos sensíveis para que essas idéias possam ser aplicadas aos nossos pensamentos atuais sobre esses objetos, possibilitando, assim, que elas também sejam apercebidas enquanto aplicadas.

No Cap. 3 analisamos quais as causas, relativas ao corpo, que fazem com que existam, por correspondência, percepções inconscientes na alma. Desta análise, concluímos que elas se restringem: 1. às transformações do corpo, relativas à “morte”, a traumas, concussões, etc; e, 2. às limitações dos órgãos sensoriais. A primeira, relativa às transformações do corpo, inviabiliza toda a apercepção, seja dos objetos materiais, seja das idéias inatas, ou retidas na memória, pois implica em uma baixa da sensibilidade do corpo, que não consegue mais obter qualquer *sensação*. A segunda, relativa às limitações dos órgãos sensoriais, inviabiliza parcialmente a consciência no que diz respeito a certos objetos materiais, pois os órgãos sensoriais do corpo não conseguem obter a *sensação* de todos eles. Essas duas conclusões se seguem diretamente do Cap.2, pois, se para existir percepção consciente, é necessária a *sensação*, então, se não existir *sensação*, não poderá existir percepção consciente na alma, mas, apenas, percepções inconscientes.

No Cap.4 analisamos o conceito relativo aos graus da apercepção e concluímos que a alma humana só se apercebe das idéias inatas consideradas **em si mesmas** quando atinge o mais alto grau da apercepção, chamado por Leibniz de *meditação*. Por conseguinte, vimos que pelos outros graus aperceptivos (atenção, consideração, contemplação e estudo) a alma humana tem consciência apenas das idéias inatas enquanto aplicadas aos nossos pensamentos atuais. Por fim, analisamos as razões concernentes a essa não apercepção das idéias inatas em si mesmas e concluímos que

ela se deve: 1. à *sensação*, que desvia a atenção do espírito; 2. à veleidade do espírito, que se deixa arrastar pelo sensível; e, principalmente, 3. ao fato dessas idéias inatas, consideradas em si mesmas, já residirem inconscientemente na alma humana, como os veios da pedra de mármore, de maneira que é necessário muito trabalho e esforço, *estudo e meditação*, para “descobri-las” e tomá-las em si mesmas.

3. Apresentadas essas conclusões, extraídas dos capítulos anteriores, resta interrogarmos: O que faz com que uma percepção seja considerada inconsciente? Quer dizer, o que existe de comum na percepção de todos esses objetos dos quais nós, almas humanas, não nos damos conta? Em suma: Como podemos definir o conceito de percepção inconsciente? O conceito relativo às “percepções em nós (...), sem a percepção e sem reflexão” (NE, Pref., p.41).

Em nenhum momento dos *Novos Ensaios*, ou em qualquer outro de seus escritos que analisamos, Leibniz apresenta essa definição. Todavia, criticando as noções senso comum dos homens, e algumas das assertivas de Locke, ele nos indica a resposta.

De acordo com Leibniz: do fato de nós não nos darmos conta de algo não se segue que este algo não exista. Ou, como também formula: do fato de algo não nos aparecer não se segue que este algo não exista: “do fato de que não nos damos conta do pensamento não segue que ele cesse de existir” (NE, II.i.§10, p.89).

Admiro-me que vosso versado amigo [Locke] tenha confundido *obscurecer* com *apagar*, como se confundem, entre os vossos partidários, o *não-ser* e o *não-aparecer*.” (NE, I.ii.§20, p.78).

Filaleto - É bem difícil conceber que uma verdade esteja no espírito, se este jamais pensou⁴⁴ nesta verdade. // Teófilo - É como se alguém dissesse que é bem difícil de conceber que existem veios no mármore antes que os descobramos.” (NE, I.i.§26, p.68).

Tudo isso são coisas que nossa ignorância e nossa pouca atenção ao que é insensível faz passar, mas que não podemos tornar toleráveis, ao menos que as limitemos a meras abstrações do espírito (...). Do contrário, isto é, se acreditássemos realmente que as coisas das quais **não nos apercebemos** não estão na alma ou no corpo, faltaríamos contra a filosofia (...), ao passo que uma abstração não é um erro, desde que se tenha consciência de que aquilo que se esconde **não deixa de existir por isso** (NE, Pref., pp.43-4).

Ou seja, do fato de nós não nos apercebermos de um elemento qualquer, x, não se segue que x não exista, mas, pelo que se retira das passagens, segue-se que x

⁴⁴ Para Locke, pensar é sempre um ato consciente.

não **aparece** como existente. Logo, o que há de comum em todas as percepções inconscientes é o fato de que, por meio delas, o espírito **não consegue divisar a existência do objeto percebido**.

4. Pela definição apresentada no Cap.1: percepção é a ação da faculdade de perceber. Deste modo, percepção inconsciente também é uma ação desta faculdade. Ou melhor, um tipo, ou modo, desta ação. E que se liga apenas aos seres humanos, como vimos. Logo, esta é a referência do conceito de percepção inconsciente: ele se refere a um tipo, ou modo, da ação da faculdade perceptiva humana. E a natureza específica desta ação consiste em ser: a ação perceptiva humana que não divisa a existência do objeto sobre o qual recai.

Logo, podemos definir o conceito em questão da seguinte maneira: percepção inconsciente é um tipo, ou modo, da ação da faculdade de perceber humana, pela qual o espírito não consegue distinguir a existência do objeto percebido porque falta: 1. a *sensação*, e, conseqüentemente, a reflexão imediata, ou *consciência*, no que diz respeito aos objetos sensíveis, às idéias retidas na memória, e às idéias inatas (aplicadas, ou em si mesmas); e, 2. a *meditação*, no que diz respeito às idéias inatas do entendimento puro (consideradas em si mesmas).

Concluída esta Primeira Parte, podemos passar ao exame de como Leibniz prova a existência real das percepções inconscientes e qual o papel que elas desempenham no desenvolvimento de seu pensamento.